

## **AS POÉTICAS DOS CORPOS NO COLETIVO MATRICARIAS: ARTES CÊNICAS, MULHER E LITERATURA EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Heleniara Amorim Moura (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>1</sup>

Marie Luce Tavares (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>2</sup>

Mônica de Freitas (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>3</sup>

Heloísa de Souza Rocha (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>4</sup>

Luciana Baêta Silva (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>5</sup>

Paloma Fernanda Sabino Tavares (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG)<sup>6</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho traz considerações acerca das experiências artísticas realizadas pelo Coletivo Matricarias, grupo criado por estudantes secundaristas em 2019, que possui a linguagem da performance como ponto central de sua atuação. Desde sua criação, o coletivo apresentou seus gritos poéticos de resistência, tanto no interior da

---

<sup>1</sup> Professora de Literatura nos cursos integrados e de Arte e Dramaturgia na Graduação de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG – Campus Ouro Branco. Pesquisadora do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Atriz amadora da Insuportável Cia. de Teatro. Participante do Coletivo Matricarias.

<sup>2</sup> Professora das disciplinas de Educação Física nos cursos integrados, das disciplinas Fundamentos Metodológicos das Práticas Corporais e Escola, Culturas e Diversidade na Graduação de Licenciatura em Pedagogia, e professora do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG – Campus Ouro Branco. Pesquisadora do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Participante do Coletivo Matricarias e do Coletivo IF Negro.

<sup>3</sup> Professora de Língua Inglesa nos cursos integrados e na Graduação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – IFMG – Campus Ouro Branco. Pesquisadora do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Participante do Coletivo Matricarias e do Coletivo IF Negro.

<sup>4</sup> Estudante do Ensino Técnico integrado em Informática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), bolsista PIBIC-Jr do IFMG durante o ano de 2020 no projeto "Performances e poéticas do corpo: Mulheres em verso". Membro do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Atualmente, cursa a graduação em Ciências Sociais pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Idealizadora e participante da construção do Coletivo Matricarias.

<sup>5</sup> Estudante do Ensino Técnico integrado em Informática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), bolsista voluntária durante o ano de 2020 no projeto "Performances e poéticas do corpo: Mulheres em verso". Membro do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Idealizadora e participante da construção do Coletivo Matricarias.

<sup>6</sup> Estudante do Ensino Técnico integrado em Informática no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), bolsista PIBIC-Jr do IFMG durante o ano de 2020 no projeto "Performances e poéticas do corpo: Mulheres em verso". Membro do NEPGRES (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade). Idealizadora e participante da construção do Coletivo Matricarias.

escola - IFMG Campus Ouro Branco, quanto nas ruas. Em 8 de março de 2020, num evento do 8M, organizado por vários grupos de mulheres, o Coletivo Matricarias fez a apresentação de “Rexistência”. A performance teve a participação especial da bailarina Clarice Barbosa e poemas autorais e canções representaram a presença dos corpos das mulheres no mundo, suas angústias, opressões, buscas e resistências. Contudo, a partir de março de 2020, outros campos de luta foram travados e a pandemia da COVID-19 limitou um dos eixos básicos do grupo: a presença do corpo, da performance, do coletivo. A última produção artística veio em mídia digital: em agosto de 2021, as Matricarias divulgaram em sua rede social *Instagram* um vídeo-poema sobre “o amor entre mulheres, realizado por mulheres sáficas”. Além de explorar novos suportes e linguagens, o Coletivo passou a fazer reuniões via *Google Meet*, trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritoras contemporâneas e obras artísticas de performers brasileiras. Nesse processo, observou-se que uma gama plural de artistas citadas pelo coletivo não dialogava com o conteúdo de arte e literatura da sala de aula das estudantes, mas conversava intensamente com seus corpos e suas histórias. Outra ação do coletivo esteve atrelada à preocupação de compreender a própria performance naquele momento, destacando-se o encontro com a artista Yasmin Formiga para discussão sobre performance: objetos relacionais, dança, música, teatro, fotografia e interatividade. Além disso, conversas com outros coletivos como o *Mulheres em Perspectiva* trouxeram outros olhares, ajudando a reelaborar essa ausência/presença do corpo. O aprofundamento teórico, na pesquisa, deu-se através de textos de Stela Fischer para discussão sobre a performance como linguagem artística e Daniela Lima para estabelecer uma relação entre o corpo-utópico cunhado por Foucault e o corpo-vetor que passa pela situação da pandemia. Em outro flanco, as discussões das Interseccionalidades em obras de Carla Akotirene, Helena Hirata e Dayanne N. de Conceição de Assis trouxeram abordagens fundamentais para se compreender a posição das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias. Ao perceber esses cruzamentos, compreende-se o quanto a arte teatral e a literatura de mulheres ainda está ausente nos currículos escolares, mas se descortina na produção experienciada por essas estudantes, que preenchem com as estéticas poéticas de artistas contemporâneas e com suas próprias estéticas autorais a ausência das artes das mulheres no espaço acadêmico ainda patriarcal, branco e cisheteronormativo.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Performance; Poéticas do corpo; Mulher; Literatura; Artes Cênicas.

## **ABSTRACT**

This work brings considerations about artistic experiences realized through the Matricarias Collective, a group created by high school students in 2019, that has the performance language as a central point of its action. Since its creation, the collective presented its poetic screams of resistance, not only in the interior of the school – IFMG Campus Ouro Branco, but also on streets. In March 08th of 2020, in an 8M event, organized by various women groups, the Matricarias Collective did a presentation of “Rexistence”. The performance had a special participation of the ballet dancer Clarice Barbosa and songs and original poems represented the presence of women bodies in the world, their anguishes, oppressions, pursuits and resistances. However, as of march 2020, other struggle fields were waged and the COVID-19 pandemic limited one of the basic axis of the group: the presence of body, of the performance, of the collective. The last artistic production came through digital media: in august 2021, the Matricarias announced in its social media *Instagram* a poem-video about “the love between women realized by Sapphic women”. Besides exploring new supports and languages, the Collective started doing meetings via *Google Meet*, working with the reading and discussion of literary texts of contemporary women writers and artistic works of Brazilian performers. In this process, it was observed that a plural range of artists cited by the collective didn’t dialogue with the content of art and literature inside the classrooms of the girl students, but they talked intensely with their bodies and their stories. Other action of the collective was linked to the concerning of comprehending the own performance in that moment, emphasizing the meeting with the artist Yasmin Formiga for a discussion about performance: relational objects, dance, music, theatre, photography and interactivity. Besides that, talks with other collectives such as *Women in Perspective* brought other viewpoints, helping to rework this absence/presence of body. The theoretical deepening, in the research, was made through texts of Stela Fisher for the discussion about the performance as an artistic language and Daniela Lima for establishing a relation between the utopian-body coined by Foucault and the vector-body that passes through the situation of pandemic. Conversely, the discussions of Intersectionality in works of Carla Akotirene, Helena Hirata and Dayanne N. de Conceição de Assis brought fundamental approaches for comprehending the position of the different artists studied in *identity avenues*. Upon realizing these crossings, it is realized how the theatrical art and women’s literature are still absent in the school

curricula, but it is unveiled in the production experienced by these women students, who fill with the poetical aesthetics of contemporary artists and with their own aesthetics the absence of women arts in the still patriarchal, white and cisheteronormative academic space.

## **KEYWORDS**

Performance; Poetics of Body; Woman; Literature; Scenic Arts.

### **Nascentes: os primeiros fluxos poéticos dos corpos...**

Este artigo é fruto de muitas inquietações delineadas nos últimos anos, especialmente, pela compreensão de nosso ser-estar no mundo, como mulheres, professoras, estudantes e artistas. Desde 2017, os estudos sobre gênero começaram a tomar corpo nos fundamentos de nossas pesquisas, com nossas primeiras perspectivas sendo apresentadas em congressos cujas temáticas giravam em torno da mulher e sua presença nas artes brasileiras, especialmente, na literatura e no teatro. As primeiras considerações acerca da produção artística de uma escritora e atriz nas décadas de 1950 a 1980<sup>7</sup> foram importantes para compreensão dos caminhos percorridos por outras escritoras e artistas, de seus seres-estares no mundo. Essas nascentes perceptivas das histórias das mulheres atravessaram nossas pesquisas e nos faziam olhar para a própria escola. A cada passo em nossas pesquisas que apontavam para as realidades complexas de ser mulher, ser escritora ou ser artista em nosso país de desigualdades, tarefa que foi árdua, nós nos perguntávamos: foi? Em que pontos o percurso da mulher na literatura e no teatro do passado ainda se aproximava do presente? Os desafios ainda seriam os mesmos? E na escola? Qual o espaço das mulheres na literatura e no teatro? Havia a presença dessas mulheres artistas, escritoras, atrizes, dramaturgas no currículo-base da escola?

A primeira resposta veio em forma de arte, quando em 2019, um coletivo idealizado e composto por estudantes ganhou corpo na escola e questões sobre gênero

---

<sup>7</sup> Ver: MOURA (2015). A tese traça a trajetória artística de Maria Lysia Corrêa de Araújo (1921-2012), escritora e atriz mineira de grande importância para a história do teatro e da literatura brasileira. Posteriormente, a pesquisa aprofundou-se nas questões de gênero a partir da análise dos corpos das personagens femininas narrados nos contos da escritora – Ver: MOURA (2020).

foram tensionadas no ambiente acadêmico do instituto<sup>8</sup>. Assim, a auto-organização do coletivo buscou ocupar e construir seu lugar, recusando a marginalização dos corpos e das opiniões, dos direitos e das demandas das mulheres. As ações do coletivo consistiram, no decorrer de 2019, em performances artísticas por meio da música, da poesia e das artes cênicas, além de oficinas, palestras e rodas de conversa dentro e fora do ambiente escolar. O coletivo reclamava a inexistência de um espaço para a arte e expressão da autoria feminina. Por meio da interseccionalidade, elas procuravam entender as particularidades de cada uma para compreenderem a luta em totalidade, em ações de resistência coletivas no enfrentamento ao sistema capitalista, patriarcal, racista e LGBTfóbico. A presença de uma pesquisa de doutoramento<sup>9</sup> no instituto possibilitou diálogos importantes, especialmente, no que concerne a conceitos como performance, gênero, arte, construções coletivas.

A cada apresentação, a revelação de pontos importantes do universo feminino e feminista davam visibilidade às subjetividades dessas meninas-mulheres que não apenas expressavam na arte as tensões decorrentes de uma sociedade patriarcal e machista, mas também refletiam sobre o fazer artístico, promovendo um ativismo de força e coragem. Na esteira do próprio nome simbólico do coletivo, a Matricaria, mais conhecida como camomila, aparecia como metáfora dessa construção já que é uma planta de muita força e utilizada há muito tempo por mulheres para cuidar dos ventres femininos. Embora seus efeitos ainda sejam pouco explorados pela academia, a camomila é intensamente utilizada nos cuidados da saúde da mulher nos saberes tradicionais. E inspiradas nessa

---

<sup>8</sup> O Matricarias é um coletivo de mulheres fundado no IFMG-Campus Ouro Branco em 2019, idealizado por estudantes, contou com a colaboração de servidoras e professoras do Ensino Médio Integrado, e contou com a participação de estudantes de outras escolas públicas.

<sup>9</sup> Na tese intitulada “Entre o Dito, o Não Dito e o que se Expressa: juventudes, experiências e o Currículo-Lazer na escola”, da professora-pesquisadora Marie Luce Tavares (2021) ressalta que o currículo escolar é um território atravessado por segmentos binários, classes sociais, gêneros, gerações, espacialidades, mas implicado por uma função subjetiva, que nos interpela, acionando e modelizando intensidades e perceptos. Assim, o currículo comporta uma dimensão macropolítica, mas também micropolítica, e atua como artefato importante na produção de subjetividades, ainda mais considerando que as/os jovens o vivenciam em boa parte de seu tempo. Nesta pesquisa, a partir de um exercício cartográfico, a autora identificou quatro coletivos juvenis que se expressavam no contexto da escola e que transformavam a escola e a si próprios. Transformações que se davam na morada das experiências com lazer, que dialogavam e movimentavam o currículo escolar. Compreendendo as práticas de lazer, bem como o currículo, como textos culturais que produzem sentidos e significados sobre o mundo, que nos formam e nos constituem como sujeitos de determinados tipos, a autora identificou duas linhas de fuga que se apresentaram no plano de composição da cartografia: as experiências com lazer atravessadas pelas artes, resignificando corpos e espaços; e as apropriações identitárias performatizadas no espaço do lazer. Este trabalho nos possibilitou perceber a escola como espaço que permite múltiplas experimentações, portanto, o espaço, por excelência, da criação, em que se exercitam formas diferentes de sociabilidade, subjetividade e ação.

planta, que carrega muita história, surgiu o nome do coletivo que buscou expressar-se em muitas ações que abordaram não apenas a busca pelo cuidado do corpo através dos saberes tradicionais dos usos dos chás<sup>10</sup>, como também o cuidado do corpo através da arte em ações cênicas e poéticas. Nascentes em cujas veias abertas corriam a cura das folhas e flores: pulsavam nesses corpos poéticos as primeiras cenas da arte como possibilidade de expressão e resistência.

### **As travessias dos corpos: performances das correntezas...**

Em 2020, houve a necessidade de um aprofundamento teórico sobre as performances realizadas pelo coletivo<sup>11</sup>. A composição da pesquisa voltou-se especialmente para a análise dos processos de criação e, nesse sentido, não somente buscávamos compreender a potência da expressão artística das performances que haviam sido criadas pelo grupo, mas também se buscou o aprofundamento de ferramentas de análise do processo de criação artística. Ao observarmos os processos do próprio coletivo nas mais diversas linguagens: música, dança, teatro, desenho, literatura, percebemos o contexto plural da performance, sempre atravessada por muitas linguagens artísticas que se sobrepunham em diversas camadas. O pesquisador José Mário Peixoto Santos traz considerações interessantes sobre a performance. Para o pesquisador, “devido às suas características “emprestadas” das demais linguagens artísticas, a performance é, por natureza, uma arte multidisciplinar, uma arte de fronteira, podendo também ser definida como uma arte híbrida” (SANTOS, 2008, p. 2).

A composição híbrida na produção das performances do Coletivo Matricarias estava sobretudo na presença de linguagens diversas das artes que as componentes do grupo traziam em suas experiências pessoais e artísticas (estudantes de escolas de

---

<sup>10</sup> O Coletivo também é parceiro no projeto de extensão *Natureza feminina: das folhas ao corpo* que tem como objetivo conhecer e difundir práticas da medicina natural relacionada à saúde da mulher em encontros coletivos que envolvam associações, grupos e escolas, promovendo a valorização dos saberes tradicionais e das práticas sobre o uso terapêutico das plantas medicinais com a finalidade de estabelecer um elo entre o conhecimento popular e científico na aproximação da academia e das pessoas de comunidades da região do Alto Paraopeba.

<sup>11</sup> O projeto “Performances e poéticas do corpo: Mulheres em Verso” procurou estabelecer critérios de análise e observação dos processos de criação. O projeto possuía pontos imbricados a conceitos que necessitavam ser compreendidos, como o feminismo, a interseccionalidade, a performance e a poesia. Como eram conceitos complexos, a prática artística se apresentava como ferramenta cognitiva de uma aprendizagem a partir do corpo e da experiência da recepção. Como elucida Stela Fischer, “nosso ativismo também está na escuta, no acolhimento e na receptividade” que “transforma o corpo em campo” (FISCHER, 2017, p.16). Campo de experimentação, de pesquisa e de transformação.

música, teatro e dança). Além disso, organizavam formações e outras atividades para aprimorar-se nessas linguagens. Entre os anos de 2019 e 2020, o coletivo realizou oficinas de canto, dança, coral, percussão e teatro, além de rodas de conversas para temas como feminismo e o papel das mulheres nos mais diversos campos da sociedade.

Esses processos desembocaram em montagens expressivas: em março de 2019, as Matricarias fizeram a primeira performance (Figura 1). Em espaços coletivos da escola (corredores, escadas, pátios), cada jovem mulher escreveu em seu corpo expressões cotidianas a que foram submetidas durante a vida: alcunhas, violências verbais, assédios. Nas mãos, como escudos de proteção desse corpo vilipendiado, carregavam cartazes com fotografias de mulheres inspiradoras: Carolina de Jesus, Conceição Evaristo, Rosa Parks, Chimamanda Adichie, Antonieta Barros, entre outras. Os olhos vendados pela insegurança do ser mulher numa sociedade trouxeram a experiência de um público certas horas hostil. Nos lábios, o silenciamento. Em outros momentos, especialmente as espectadoras eram atravessadas e deixavam correr lágrimas. No final, ao som da canção “Todxs Putxs” de Ekena, a dança dava movimento a corpos em libertação coletiva, numa dança de roda ancestral, de teias significativas (Figura 2).



**Figura 1** – Performance do Coletivo Matricarias em 8 de março de 2019. Pátio Central do Campus do IFMG Ouro Branco, Minas Gerais<sup>12</sup>

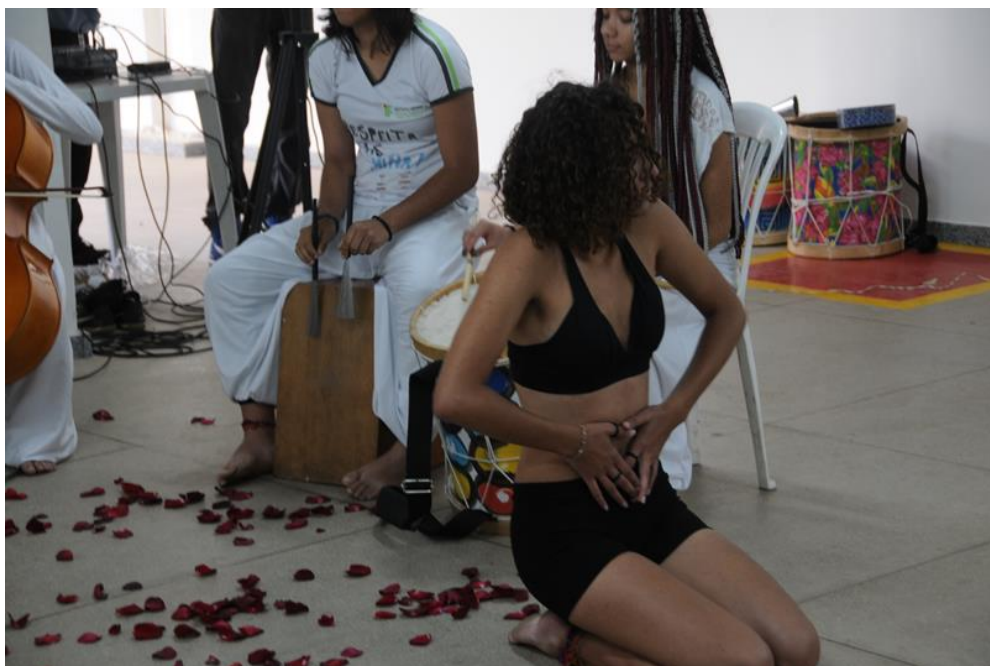
<sup>12</sup> Fonte: as autoras.





**Figura 2** - Performance do Coletivo Matricarias em 8 de março de 2019. Pátio central do Campus do IFMG Ouro Branco, Minas Gerais<sup>13</sup>

Em agosto de 2019, o grupo fez uma delicada cena no Dia da Visibilidade Lésbica (Figura 3) e deu início a um ciclo de uma produção com coreografia e texto autorais. Na concepção musical, a presença da canção “De Uma Para a Outra” de Malu Magri era trazida por um coro de mulheres de corpos -vozes diversos, atravessados por histórias de sexualidades reprimidas, que se libertavam em dança e poesia performadas pelo/no coletivo.



**Figura 3** – Cena criada em agosto de 2019, no Dia da Visibilidade Lésbica. Um dos corredores do Campus do IFMG Ouro Branco, Minas Gerais<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Fonte: as autoras.

<sup>14</sup> Fonte: as autoras.



Os processos de 2019 e 2020 que envolveram a montagem e apresentação da performance *Rexistência* (Figuras 4 e 5) foram compostos pela preparação das performers em diferentes linguagens e incluíram oficinas de percussão, dança, coral, ensaios e uma organização contínua do material fragmentário que se apresentava sobre essas mulheres a cada encontro. Havia uma memória coletiva ampla que circundava seus universos (os feminismos, a luta contra violências e assédios, os preconceitos e atravessamentos de classe, gênero, raça), uma memória composta por elementos subjetivos e identitários de cada uma daquelas mulheres, uma memória do corpo. Durante os ensaios, oficinas, momentos de produção em grupo, o Coletivo Matricarias promoveu diálogos pautados na sensibilidade e na escuta, criando um lugar de trocas, vivências e construção coletiva. A performance *Rexistência* tratava da presença desses corpos no mundo e as músicas de Luedji Luna e Ava Rocha trouxeram água e fogo como elementos músico-poéticos de coreografias que envolviam a execução de cenas e danças, canções e poemas. Em certos momentos, as performers permaneciam vendadas e os limites da visão traziam aos corpos as lembranças de inseguranças e medos. A performance trazia gestos emblemáticos dos movimentos feministas e literalmente essas mulheres incendiaram a escola, subvertendo antigas fogueiras que antes serviram para queimar esses corpos femininos. Além disso, havia um texto autoral coletivo, ora em balbúcio, ora em grito, que ecoava de cada boca. Os nomes das performers estavam nos versos das poesias, corpos-territórios e corpos escritos que colocavam em cena os lugares de onde vinham, quem eram, suas travessias.



**Figura 4** – Performance *Rexistência*, 03 de outubro de 2019. Pátio central do Campus do IFMG Ouro



**Figura 5** – Performance *Rexistência*, 03 de outubro de 2019. Pátio central do Campus do IFMG Ouro Branco, Minas Gerais<sup>16</sup>

Compreendemos os corpos dessas apresentações como campos de batalha, locais de denúncia das violências e opressões sofridas, da invisibilidade, da pressão estética, do abuso, da negação. De forma semelhante a outros coletivos de arte potencialmente construídos dentro de estéticas feministas, o Coletivo Matricarias encontra na performance uma forma de expressão das subjetividades das diferentes integrantes e de suas diversas percepções sobre o ser mulher. Sob essa ótica, é por meio da relação com outras mulheres que o grupo se constrói. É interessante perceber que foi na performance que esse grupo encontrou um meio para a criação de uma rede de mulheres, um meio para contestar as estruturas de opressão e mobilizar outras pessoas, provocando diferentes reações com as apresentações realizadas e, dessa forma, chamando atenção para as violências naturalizadas na sociedade.

As performances do Coletivo Matricarias não estavam sujeitas a um padrão. No entanto, um traço muito presente foi a efemeridade enquanto cena, que só existe naquele momento em que é feita. A própria “análise do gênero performance parte da observação do próprio corpo do artista plástico em exibição no aqui e agora, nesse momento em que a participação do espectador é convocada para além da simples contemplação do corpo em performance” (SANTOS, 2008, p.4). Além disso, compreendemos as performances do coletivo como ferramentas da luta política, falando sobre identidades e opressões, como forma de denúncia, apelo e sensibilização. No caso do Coletivo Matricarias, as

---

<sup>15</sup> Fonte: as autoras.

<sup>16</sup> Fonte: as autoras.

performances são voltadas para a situação das mulheres na sociedade patriarcal, numa concepção que perpassa estéticas feministas. Como salienta Stela Fischer acerca dos coletivos de artes feministas:

Trata-se de convocar as identidades marginalizadas de diversas mulheres para tomar o centro das discussões sob os vieses político, ético e poético. Demarcar articulações do pensamento decolonial a partir das políticas do corpo e das artes como espaço de experimentação identitária em que as diferenças são aceitas, estimuladas, e as relações de poder e opressão são denunciadas (FISCHER, 2017, p. 9-10).

Nesse sentido, a performance “é deliberadamente um ato de exposição e risco” (FISCHER, 2017, p.12), já que o artista e seu corpo são parte fundamental da obra. Entretanto, a vulnerabilidade aproxima o performer do público, revelando a proximidade entre obra e expectador, dando profundidade e estabelecendo “um espaço sutil de pertencimento que desafia as normas da semelhança. E o nosso compromisso com elas reside no acolhimento que é o nosso gesto político” (FISCHER, 2017, p.15).

Em 8 de março de 2020, num evento do 8M na cidade de Ouro Branco em Minas Gerais, organizado por vários grupos de mulheres, o Coletivo Matricarias fez a última apresentação presencial da performance *Rexistência*. O trabalho (Figura 6) apresentado nas ruas da cidade de Ouro Branco, em uma de suas avenidas principais, teve a participação especial da bailarina Clarice Barbosa e poemas autorais e canções novamente representaram a presença dos corpos das mulheres no mundo, suas angústias, opressões, buscas e resistências em meio a tantas fronteiras. A performance teve ampla participação do público, que acompanhou as performes em gestos e coros e foi marcada pelo protagonismo do corpo, que além de criar, tornou-se a própria arte, muito próxima do cotidiano e do indivíduo. Nesse sentido, na performance, a construção do espetáculo dialoga diretamente com o público que faz parte da obra e a compõe, a interação é característica fundamental, como salienta Stela Fischer, “construímos redes temporárias para operar um momento de troca, interação e compartilhamento de subjetividades” (FISCHER, 2017, p. 15). Nesses processos, os procedimentos metodológicos passavam pelo registro de fotografias, vídeos, conversas e apresentações das performances. Mas também nas articulações teórico-práticas que faziam fluir fortes correntezas de feminismos plurais que atravessavam as mulheres do Coletivo Matricarias. Correntezas que avançaram e permitiram o fluxo de encontros

com outras mulheres, ocupando as ruas com essa arte-vida da performance no compartilhar de experiências e existências.



**Figura 6** – Performance *Rexistência*, 08 de março de 2020. Evento 8M na Avenida Mariza de Souza Mendes, na cidade de Ouro Branco, Minas Gerais<sup>17</sup>

Essas correntezas artísticas vivenciadas pelas performances possibilitaram, em suas águas agitadas, encontros potentes de artistas com um público variado: esportistas, artesãs, estudantes, familiares, servidoras públicas, passantes, enfim, espectadoras que vivenciaram a performance nas vias públicas da cidade e participaram dessa apresentação em um coro coletivo de resistência. No entanto, a partir de março de 2020, outros campos de luta foram travados em escala global e a pandemia da COVID-19 limitou um dos eixos básicos do Coletivo Matricarias: a presença do corpo que, naquele momento, passou a ser marcado por signos da ausência - o isolamento, o adoecimento, a possibilidade real da morte.

### **Águas represadas, mas não paradas: outras tecnologias dos/nos corpos**

Os primeiros meses que envolveram a pandemia foram de suspensão e atonia. Não havia espaço de encontro, mesmo que virtual. Estudantes de escolas públicas expuseram toda a fragilidade do sistema educacional no que concerne às novas tecnologias e ao acesso dessas dentro de um contexto de desigualdades do país: a presença dos irmãos e filhos em tempo integral em casa, as famílias constantemente em risco nos subempregos, o aumento das atividades domésticas, todos esses fatores atingiram de maneira pontual as mulheres. Ressignificar a vida naquele momento já era

---

<sup>17</sup> Fonte: as autoras.

difícil, ressignificar esse corpo parecia tarefa impossível. No entanto, o Coletivo Matricarias se reorganizou em encontros virtuais e ainda produziu artisticamente durante a pandemia. A produção artística veio no formato de mídia digital: em agosto de 2021, as Matricarias divulgaram em sua rede social *Instagram* um vídeo-poema (Figura 7) sobre “o amor entre mulheres, realizado por mulheres sáficas”. Além dessas palavras, o *post* apresentava a seguinte questão: “O que é amar outra mulher pra você?”<sup>18</sup>. A filmagem contínua de um pôr do sol tinha ao fundo vozes de diversas mulheres em versos, palavras, suspiros na definição de amor dada por elas: “maré alta, maré baixa, imensidão, corpo úmido”, “nosso amor é uma guerrilha/ E ao mesmo tempo um meio para atingir a felicidade”<sup>19</sup>.



Figura 7 – Vídeo-poema no *Instagram* do Coletivo Matricarias, 29 de agosto de 2020.<sup>20</sup>

Em meio a tantas transições, com os avanços tecnológicos, pareceu-nos que uma nova forma de performance surgia, sendo diretamente mediada pelas mídias

<sup>18</sup> O perfil do Coletivo Matricarias está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEfF7kghPsC/>. Acesso em 26/04/2021. Os créditos do vídeo foram dados aos seguintes perfis: Texto por: @vanessacaputto @clarika @madalenasatani @bela\_fsousa @grilob7 @lucianalbs @\_heloisa\_rocha\_ Declamação de: @lucianalbs @\_heloisa\_rocha @diadorimderosa @clarika Edição de áudio: @goex. Contribuição: @juseroberto Vídeo: @\_heloisa\_rocha\_ Edição de vídeo: @paloma\_stavares Música de fundo: Intimidade - @linikeroficial interpretação de @lyarahlive

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Imagem retirada da página do *Instagram* do @ColetivoMatricarias. Disponível em: <https://www.instagram.com/coletivomatricarias/> Acessado em .22/10/2020 às 22h55.



digitais e feita através delas. Nesse sentido, essas produções refletem “tempos de corpos esteticamente modificados e mediados por tecnologias, evidenciamos a recorrência da apresentação/representação do corpo associada a questões políticas, científicas e bioéticas” (SANTOS, 2008, p.27).

Com a pandemia do Covid-19, as próprias relações sociais se modificaram. O contato entre corpos é quase nulo e a performance, como uma arte na qual o contato é essencial, acaba por se reinventar. Num momento em que a possibilidade de contaminação nos distancia e as políticas do estado reforçam o biopoder, como nos lembra Daniela Lima, “a pandemia não produz igualdade, ao contrário, reforça as cisões biopolíticas existentes” (LIMA, 2020, p. 9). Esse painel histórico reforça a necessidade de uma arte política, que denuncie e proteste contra as violências sofridas pela população, evidencie as necropolíticas exercidas pelo Estado. Assim, as performances virtuais ganham espaço e se tornam cada vez mais comuns, e o corpo mediado pelas tecnologias se torna “um corpo sólido, unido em suas partes e mesmo assim impossível para o toque” (LIMA, 2020, p. 3).

Esse corpo tecnológico se aprofunda cada vez mais nas utopias, na de ser por si só um corpo, e na dificuldade da materialização da existência no isolamento já que “é o toque do outro que faz com que o corpo exista fora das utopias” (LIMA, 2020, p. 9). Nesse momento, surgem questionamentos como: “que corpo é esse que surge da impossibilidade do toque?” (LIMA, 2020, p. 9). E que performance é essa que se faz longe, sem o contato, na utopia da existência? Ainda nas palavras de Daniela Lima:

O corpo-utópico radicaliza o sentido de estética da existência, a possibilidade de autoprodução, de autociração, de auto-estetização em imagens, palavras, vozes, sons, gestos, movimento, contramovimento. Cria e experiencia outras práticas afetivas, outros modos de existência, outras experiências de revolta; recupera a potência dos encontros, mesmo aqueles impossíveis, impensáveis, impronunciáveis na realidade, mas possíveis, pensáveis e pronunciáveis diante de tantos outros corpos-utópicos (LIMA, 2020, p. 9).

A performance mediada pelas tecnologias já é feita há algum tempo, no artigo de José Mário Peixoto Santos são trazidos alguns exemplos. Um deles, a performance Estar, do grupo “Corpos Informáticos” feita em 2005, onde o grupo interagiu por telepresença num evento, a partir de uma sala de estar. A investigação sobre esses casos abre caminhos para novas performances do Coletivo Matricarias, que fez sua primeira na experimentação desse vídeo-performance de produção autoral em agosto de 2020. A partir dessas experiências, novas formas

de criação são descobertas e redescobertas, caminhos vão sendo traçados em direção a uma abertura e expansão do que usualmente é considerado performance.

Outra ação do coletivo esteve atrelada à preocupação de compreender junto a outras mulheres a própria performance naquele momento, destacando-se o encontro com a artista Yasmin Formiga para discussão sobre performance: objetos relacionais, dança, música, teatro, fotografia e interatividade em sua obra. O encontro foi realizado no *GoogleMeet* em dia 20 de agosto de 2020 e contou com a presença de 28 participantes. Além disso, conversas com outros coletivos como o *Mulheres em Perspectiva* também trouxeram outros olhares sobre o impacto da pandemia sobre as artes performativas, ajudando a reelaborar essa ausência/presença do corpo.

Além de explorar novos suportes e linguagens, o Coletivo Matricarias passou a fazer reuniões via *Google Meet*, trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritoras contemporâneas e obras artísticas de performers brasileiras. A partir da observação desses encontros, o aprofundamento teórico, na pesquisa, deu-se através de textos de Stela Fischer para discussão sobre a performance como linguagem artística e Daniela Lima para estabelecer uma relação entre o corpo-utópico cunhado por Foucault e o corpo-vetor que passa pela situação da pandemia, para que pudéssemos compreender essa nova movimentação dos corpos do coletivo em suas ações virtuais e durante a pandemia. Em outro flanco, as discussões das Interseccionalidades em obras de Carla Akotirene, Helena Hirata e Dayanne N. de Conceição de Assis trouxeram abordagens fundamentais para se compreender a posição das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias que atravessavam as performances, os encontros e as mulheres do Coletivo Matricarias.

Durante o processo de pesquisa, a observação da capacidade de criação do Coletivo Matricarias, num processo plural que explorava novos suportes e linguagens, trouxe uma complexa análise da composição das artes no meio escolar. Quando o Coletivo passou a fazer reuniões *online* via *Google Meet*, num primeiro momento trabalhando com a leitura e discussão de textos literários de escritor/as contemporâneas e outras produções artísticas, a observação da ausência de arte e literatura produzidas por mulheres no currículo regular da escola foi um ponto importante. O currículo escolar se afastava da realidade dessas jovens mulheres, e cada participante do coletivo preencheu essa ausência com uma influência artística, estando entre essas influências rappers, cantoras, poetas, pintoras, performers, escritoras. Entre os nomes, Flora Matos,



Gabz (Gabrielly Nunes), Luedji Luna, Letícia Novaes (Letrux), Elza Soares, Clara Nunes se destacam no campo musical; Luciana Arena e Mariana San Martin, nas artes visuais e plásticas; a performer Grada Kilomba nas artes cênicas; e na literatura, jovens escritoras, poetisas e *slammers* como Luana Muniz, Ludimila Rodrigues, Jarrid Arraes, Cecília Floresta, Géssica Borges, Mel Duarte, Mítria e Lubi Prates figuram junto a outra geração de poetisas como Conceição Evaristo e Hilda Hilst. Esse amplo universo artístico revelou-nos que havia uma gama plural de artistas citadas pelo coletivo que não dialogava com o conteúdo de arte e literatura da sala de aula das estudantes. A abordagem interseccional descrita especialmente pelas autoras Carla Akotirene e Dayanne N. de Conceição de Assis possibilitou compreender a composição do próprio Coletivo Matricarias, levando em conta a constituição dessa sociedade imbricada ao que Akotirene denomina em acordo com Patrícia Hills Collins como um “sistema de opressão interligado” (AKOTIRENE, 2019, p.21). Como ressalta Dayanne Assis:

Embora a importância dos feminismos como movimento social seja inegável para luta por igualdade das mulheres, é preciso pensar que cada um/a de nós é atravessado/a por inúmeros marcadores sociais (raça, classe, geração, identidade de gênero, sexualidade e etc..) que nos colocam em diferentes posições sociais e orientam nossas reivindicações daquilo que acreditamos ser necessário em uma sociedade (ASSIS, 2019, p.11).

Nesse sentido, a interseccionalidade possibilitou-nos compreender esses múltiplos fatores que atuam em conjunto na vida dos indivíduos, As obras dessas autoras trouxeram uma abordagem interseccional que foi fundamental para entender, não apenas a expressão das diferentes artistas estudadas nas avenidas identitárias, mas também as identificações e influências das próprias participantes do Coletivo Matricarias, pois muitas das produções artísticas analisadas eram marcadas pelas opressões que atravessavam as integrantes. Também o próprio processo de criação do coletivo era marcado pela interseccionalidade, não havia produção criativa que deixasse de discutir incansavelmente as diversas avenidas identitárias. Para além de uma conceituação, a interseccionalidade se dava como um instrumento de teoria e método. Nas palavras da intelectual Carla Akotirene:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo, e cisheteropatriarcado - produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (AKOTIRENE, 2019, p.19).

Além disso, a intelectual traz a metáfora da travessia oceânica como fator determinante para a formação da identidade negra brasileira. Na obra de Akotirene, a linguagem artística também se faz presente, especialmente com o poema de Deise Fatuma, *Maré Kawô*, lido na voz de Marielle Franco. Sua abordagem interseccional propõe o cruzamento do Oceano Atlântico como parte de construção do conceito de interseccionalidade, haja vista que esse espaço de múltiplas opressões e explorações foi também espaço da consolidação teórica de importantes pensamentos e lutas contra essas opressões. A compreensão da interseccionalidade através da leitura dessas autoras, mostrou-nos a riqueza imensurável da produção intelectual brasileira, destacando-se pensadoras como Lélia Gonzales e Sueli Carneiro como mar aberto de reflexões sobre espaços de ação e de construção para as mulheres. Neste momento em que escrevemos este artigo, a epistemologia de Carla Akotirene nos revela que “a interseccionalidade é dimensão prática, precisamos do horizonte enquanto os navios estão atravessando, mas a fome de justiça depende da vida garantida agora” (AKOTIRENE, 2019, p.112). Vida que depende de uma justiça cujo “vingador é lento”, como dizem os versos cantados por Elza Soares<sup>21</sup>. Uma justiça que permite a perda de inumeráveis vidas, tolhidas pela ação irresponsável do poder do Estado na pandemia deste país... Justiça que inclusive se ausenta em nosso entorno, em nossa própria escola, quando ainda vivenciamos a morte de um estudante e sua mãe em um crime de feminicídio. Em meio a esse turbilhão de acontecimentos de dores e incertezas, a arte foi campo de sobrevivência e, durante intempéries intensas, esteve mais próxima às tormentas que às bonanças.

### **Rios e afluentes: corpos de encontro ao mar**

Ao percebemos todos esses cruzamentos referenciados neste artigo, compreendemos o quanto a arte produzida por mulheres ainda está ausente nos currículos escolares, mas se descortina na produção experienciada por esse coletivo que preencheu com as estéticas poéticas de artistas contemporâneas a ausência do espaço acadêmico ainda patriarcal, branco e cisheteronormativo. Sabemos que ainda há muito a navegar. Para além das fronteiras da escola, infelizmente para nós, mulheres, o cenário

---

<sup>21</sup> Versos da canção “A Carne” interpretada pela cantora Elza Soares. Está no álbum “Do Cócix Até o Pescoço” (2002). A canção foi composta por Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette.

ainda é avassalador: o aumento nos casos de violência contra a mulher<sup>22</sup>, o agravamento do desemprego entre mulheres que aumenta ainda mais a desigualdade de gênero<sup>23</sup>, números que só crescem e nos fazem refletir sobre tantas histórias que, neste exato momento, silenciam e calam. Frente a imensidão do mar de caos e incertezas que a pandemia trouxe ao Brasil, agravada por ameaças constantes ao Estado Democrático de Direito, o Coletivo Matricarias encontra-se nos fluxos dessas incertezas. O futuro de suas ações está atrelado à continuidade de sua existência, sua capacidade de se reorganizar dentro das novas perspectivas que envolvem as integrantes. A expectativa é de que sua existência persista, “*porque existir é resistir*”, palavras que estiveram presentes nas performances nos anos de 2019 e 2020. Esperamos, assim, que esses corpos poéticos e políticos, de encontro ao mar, possam ainda continuar suas travessias, apesar do imenso agitar das águas.

## REFERÊNCIAS CITADAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

FISCHER, Stela. Por que fazemos performance e ativismo feminista? In: **Revista Arte da Cena**. Goiânia, v.3, n.1, p. 08-20, jan-jun/2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/46166>. Acesso em: 25 fev. 2020.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais**. In: Tempo Social - Revista de Sociologia USP, v.26, n.1, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702014000100005](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702014000100005). Acesso: jul. 2020.

LIMA, Daniela. **Corpo-vetor e corpo-utópico**. N-1 edições, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/101>. Acesso em: 12 fev. 2021.

MOURA, Heleniara Amorim. **Corpos Dilacerados: Mulher e Ficção na Obra de Maria Lysia Corrêa de Araújo**. In: **VII Congresso Internacional em Estudos Culturais - Performatividades de gênero na democracia ameaçada**. Aveiro, Portugal: Grácio Editor, 2020. v. 01. p. 31-39. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/29823>. Acesso em: 29 abr. 2021.

---

<sup>22</sup> Dados fornecidos pela Fio Cruz. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em 1º de maio de 2021.

<sup>23</sup> Dados da coluna UNIVERSA, da UOL. Disponível em: <http://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/artigo-mulheres-violencia-e-pandemia-de-coronavirus/>. Acesso em 1º de maio de 2021.

MOURA, Heleniara Amorim. **Passagens da Memória**: Ensaio biográfico sobre a artista Lysia de Araújo. 2015. 271 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada e Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTOS, José Mário Peixoto. Breve Histórico Da “Performance Art” no Brasil e no Mundo. **Revista de Arte Ohun**, [s. l.], dez. 2008. Disponível em: [http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze\\_mario.pdf](http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/ze_mario.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021.

TAVARES, Marie Luce. **Entre o dito, o não dito e o que se expressa**: juventudes, experiências e o currículo-lazer na escola. 2020. 220 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.